



REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Circo da Democracia: de lonas abertas para a arte e a resistência!

Entrevista com Carlos Frederico Marés de Souza Filho e Eduardo Faria Silva

Concedida à Elizandra Garcia da Silva e Alice Viveiros de Castro

Para citar este artigo:

SILVA, Elizandra Garcia da; CASTRO, Alice Viveiros de. *Circo da Democracia: de lonas abertas para a arte e a resistência!* [Entrevista concedida a Elizandra Garcia da Silva e Alice Viveiros de Castro]. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v.1, n.46, p.1-20, abr. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101462023e0502>



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Circo da Democracia: de lonas abertas para a arte e a resistência!




Elizandra Garcia da Silva¹



Alice Viveiros de Castro²

Resumo

Entrevista com o professor Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Filho, dos Advogados pela Democracia, e com o professor Dr. Eduardo Faria Silva, representante do Sindicato dos Engenheiros do Paraná. Ambos lideraram a idealização e execução do Circo da Democracia, realizado em Curitiba, de 05 a 15 de agosto de 2016. Os mastros do Circo Zanchettini, trasladado em Circo da Democracia, foram fincados na Praça Santos Andrade e suas lonas foram escancaradas em defesa da democracia e contra o golpe a presidenta Dilma Rousseff. Durante 10 dias, o Circo da Democracia atuou e recebeu em seu picadeiro, dirigentes políticos, dentre eles a presidenta Dilma Rousseff, movimentos culturais, sindicais, estudantis, de mulheres, indígenas e do campo, protagonizando arte e resistência. Esperançosas na retomada das liberdades democráticas e com forças renovadas para seguirmos na luta, apresentamos a entrevista com os companheiros Carlos e Eduardo, realizada em janeiro de 2023.

Palavras-chave: Circo da Democracia. Golpe. Circo Zanchettini.

¹ Pós-doutorado, pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorado em Educação, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestrado em Educação, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Graduação em Licenciatura Educação Física, pela UEM. Profa. Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Projeto de Extensão Prax-circense/PROEX/UFF.  elizandragarcia@hotmail.com
 <http://lattes.cnpq.br/1822479471813746>  <https://orcid.org/0000-0002-1580-156X>

² Formada em Teatro. Trabalha como atriz, escritora, musicista, pesquisadora, produtora e diretora. Atualmente é especialista em Circo, dedicando-se à trabalhos documentários, jornalísticos e literários sobre o mundo circense.  elizandragarcia@id.uff.br  <https://orcid.org/0000-0002-5456-4560>



Circus of Democracy: with open canvases for art and resistance!

Abstract

Interview with teacher PHD Carlos Frederico Marés de Souza Filho, from Lawyers for Democracy, and with teacher PHD Eduardo Faria Silva, representative of the Union of Engineers of Paraná. Both led the creation and execution of Circus of Democracy, held in Curitiba, from August 5 to 15, 2016. The poles of Circo Zanchettini, transferred to Circus of Democracy, were planted in Santos Andrade Square and their canvases were wide open in defense of democracy and Against the coup Against President Dilma Rousseff. For 10 days, Circus of Democracy performed and received political Leaders, among them President Dilma Rousseff, cultural, union, student, women, indigenous and rural movements, Leading art and resistance. Hopeful for the resumption of democratic freedoms and with renewed strength to continue the fight, we present the interview with comrades Carlos and Eduardo, held in January 2023.

Keywords: Circus of Democracy. Coup. Circus Zanchettini.

Circo de la Democracia: de lonas abiertas para el arte y la resistencia!

Resumen

Entrevista con el maestro Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Filho, de Abogados por la Democracia, y con el maestro Dr. Eduardo Faria Silva, representante del Sindicato de Ingenieros del Paraná. Ambos lideraron la creación y ejecución del Circo de la Democracia, realizado en Curitiba, del 5 al 15 de agosto de 2016. Los postes del Circo Zanchettini, trasladados al Circo de la Democracia, fueron plantados en la Plaza Santos Andrade y sus lienzos se abrieron de par en par en defensa de la democracia y contra el golpe de la presidenta Dilma Rousseff. Durante 10 días, el Circo de la Democracia actuó y recibió a líderes políticos, entre ellos la presidenta Dilma Rousseff, de movimientos culturales, sindicales, estudiantes, de mujeres, indígenas y rurales, que lideran el arte y la resistencia. Esperanzados por la reanudación de las libertades democráticas y con fuerzas renovadas para seguir en la lucha, presentamos la entrevista a los compañeros Carlos y Eduardo, realizada en enero de 2023.

Palabras clave: Circo de la Democracia. Golpe. Circo Zanchettini.

Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é dos pretos, minha carne dos palhaços, minha fome das nuvens, e não tenho outro amor a não ser o dos doidos.

(Carlos Drummond de Andrade, 2012, p. 80)

Apresentação

Em 2016, no contexto de profunda crise mundial, em que mergulha o capital, há décadas, ocorreu, no cenário da política brasileira, um golpe, mediado pelo *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Em estudos de 2016, Osvaldo Coggiola nos forneceu uma análise qualificada das relações entre a crise do capital, desde a década de 1970, o *impeachment* e o golpe.

Vale resgatar, desses estudos, que “O golpe-impeachment brasileiro pôs na berlinda um prato que vinha sendo cozinhado como possível alternativa política havia mais de um ano (ou seja, apenas três meses depois da posse do governo Dilma II) [...]” (Coggiola, 2016, p. 01). Nesse lento cozimento, articulações políticas foram apurando o prato e fazendo evaporar, ou talvez nem compusessem os ingredientes, princípios legais e democráticos (Jardim, 2016) restando como prato principal a “[...] apresentação da moção de destituição da presidenta [...]” (Coggiola, 2016, p. 01).

À mesa desse banquete, na plenária do Senado, realizada em 11 de maio de 2016, 55 senadores se fartaram e, baseados em suas “evidências” votando sim, contra apenas 22 que se posicionaram contra a destituição da presidenta Dilma (Jardim, 2016, p. 18).

Diante desse fato político houveram distintos posicionamentos, da população e de entidades e movimentos organizados, em nível nacional e internacional. Destacamos nessa apresentação a posição favorável ao golpe tomada pela Ordem dos Advogados do Brasil/OAB, por ter sido motivação principal da idealização e execução do Circo da Democracia, conforme explicitou Carlos Frederico Marés de Souza Filho, na entrevista que segue.



Se por um lado a OAB defendeu o golpe, por outro, os Advogados pela Democracia e o Sindicato dos Engenheiros do Paraná, seguidos por mais de 100 entidades³, se posicionaram contrários ao golpe. Além do posicionamento público os Advogados pela Democracia e o Sindicato dos Engenheiros do Paraná, reunidos, deliberaram pela organização de um espaço público, que reunisse o debate sobre a democracia, o golpe e atividades artísticas.

Dentre os principais representantes dessas entidades trazemos à tela o professor Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Filho, dos Advogados pela Democracia, e com o professor Dr. Eduardo Faria Silva, advogado do Sindicato dos Engenheiros do Paraná.

O professor Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Filho, graduado, mestre e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná, foi Secretário de Cultura de Curitiba e Presidente da Fundação Cultural de Curitiba, Procurador Geral do Estado do Paraná, Presidente da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), Procurador Geral do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), Diretor do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, integrante do Conselho Diretor do Instituto Latino-americano para una Sociedad y un Derecho Alternativos-ILSA (Bogotá), dentre outros tantos trabalhos, acadêmicos e políticos, na qual cabe destacar seu exílio político no Uruguai, Chile, Dinamarca e São Tomé e Príncipe (África), de 1970 a 1979.

O professor Dr. Eduardo Faria Silva, graduado, mestre e doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Professor Doutor Titular de Direito Constitucional da Universidade Positivo. Professor no Mestrado do Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade Positivo. Em 2016 foi advogado do Sindicato dos Engenheiros do Paraná.

As entrevistas, via *Google Meet*, nos dias 23 e 24 de janeiro de 2023, tiveram duração aproximada de 40 minutos e foram transcritas, na íntegra, pelas entrevistadoras. Na prosa, que segue, será possível conhecer, e se emocionar, com

³ “Passa de 100 o número de entidades que aderem à proposta, entre elas as Frentes Brasil Popular e Povo Sem Medo, movimentos culturais, sindicais, estudantis e do campo.” Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/15/circo-unifica-movimento-em-defesa-da-democracia-em-curitiba/> Acesso em: 26 jan. 2023.



detalhes, da idealização, organização e execução do Circo da Democracia, realizado sob as lonas do Circo Zanchettini, família circense que resiste e insiste em viver a arte circense brasileira, há décadas.

Fazendo a praça⁴:

A abertura dessa sessão se destina ao registro de como os organizadores do Circo da Democracia fizeram a praça, convidando e preparando a plateia para participar deste importante espaço de luta e resistência em defesa da democracia e contra o golpe da presidenta Dilma. Com a palavra!

Carlos Frederico Marés de Souza Filho: Eu me lembro que, antes de instalar o Circo, nós fizemos uma campanha de instalação do Circo, e fizemos debates com alguns circenses, em alguns lugares, na universidade e tal, então a gente levava um ou dois, por exemplo os malabares, levava os malabares para mostrar o que é a arte circense. Dizer, olha, nós estamos associando a arte circense ao debate político. Isso foi feito antes. Então eles também, a família [Zanchettini] tinha plena consciência do que estava fazendo, não estavam vendendo um espetáculo simplesmente, ao contrário, estavam participando de um debate político de alto nível, porque era um debate político pela democracia mesmo; contra a cassação da Dilma. Então os espetáculos eram muito bem, eles tinham e sempre tiveram essa sensibilidade de aliar os movimentos que estavam ali presentes com o espetáculo, e isso foi; então a Erimeide cantava, tinha várias coisas, faziam o que o circo faz, o que a família faz, e sempre muito adequado com o debate político que estava sendo apresentado naquele momento, em que os movimentos sociais estavam presentes. Então isso foi encantador.

⁴ Denominação referente ao trabalho de preparação do circo para as apresentações: desde a chegada à determinada cidade, passando por toda a logística de montagem e até a divulgação pública das apresentações.

Que rufem os tambores!!! O espetáculo já vai começar!!!



Adaptado do vídeo *Circo da Democracia: Nosso espetáculo*. Curitiba 2010.
Acervo: Trópico Audiovisual

Elizandra e Alice - Como surgiu a ideia da lona como espaço para acolher as discussões sobre democracia e o golpe, em curso, em 2016?

Carlos Frederico Marés de Souza Filho - pois bem, durante o processo Constituinte, em 1987, foi montado em Curitiba, ali na Praça Santos Andrade, um chamado o *Circo*⁵ da Constituinte, e esse *Circo da Constituinte* foi montado ali como um espaço público de debate e teve um sucesso enorme, teve uma repercussão muito grande, e passou por ali muitos nomes da Constituinte, de Ulisses Guimarães, Tancredo e todos os grandes nomes da Constituinte passaram por ali, Mário Covas e etc., Roberto Requião, evidentemente porque ele era aqui do Paraná e estava mais próximo. Então a gente tinha essa experiência em Curitiba do *Circo da Constituinte*.

⁵ Utilizaremos a grafia da palavra *circo* com iniciais maiúsculas quando os entrevistados estiverem falando do *Circo da Constituinte*, do *Circo da Democracia* ou do *Circo Zanchettini* e, com iniciais minúsculas ao tratarem do *circo* de forma generalizada.



Quando nós, um grupo de advogados, liderado pelo Eduardo Faria, que era advogado do Sindicato dos Engenheiros, estávamos reunidos, indignados, os advogados aqui do Paraná, liderados por ele, estávamos indignados com relação a OAB [Ordem dos Advogados do Brasil] com relação ao Golpe, porque a OAB estava deliberadamente apoiando o Golpe, e, pra nós era uma coisa inconcebível, que os advogados, que tem justamente a função de defender o direito, e as normas jurídicas, estivesse propondo o Golpe, então, dessa indignação, surgiu - como nós poderíamos atuar, com relação a OAB. fizemos uma série de ações, mas como formou-se um grupo que pensava contra o Golpe, né, logo se aproximou, e como nós estávamos dentro, e o Sindicato dos Engenheiros nos possibilitou um espaço de discussão, e escutou nossas discussões, embora não fossem advogados, e o Sindicato dos Engenheiros começou a se interessar a discutir mais, aprofundar mais, debater mais a respeito de o que fazer em relação ao Golpe. E, nós começamos então a organizar debates públicos e etc., na Faculdade de Direito [da Pontifícia Universidade Católica do Paraná], que fica praticamente em frente, ao lado do Sindicato dos Engenheiros.

E aí nós pensamos em fazer alguma coisa grande, pra chamar atenção, pra o debate chamar atenção mesmo, e nós imaginamos fazer, como nós somos do Direito, nós imaginamos fazer um Tribunal do Golpe, um tribunal popular que julgasse o Golpe, né, o andamento do Golpe, como estava sendo feito e etc. E pensamos em fazer isso e levamos isso à um debate nacional, a respeito das correntes que estavam contra o Golpe. Para nossa surpresa, exatamente o Estado em que você está, o Rio de Janeiro, disse assim; ‘a ideia é maravilhosa, nós vamos fazer!’ E nós ficamos chupando o dedo, aqui no Paraná, província, de longe aqui, o Rio de Janeiro vai fazer, que que nós vamos fazer? Nós vamos chupar o dedo! Então nós ficamos sem a ideia de fazer o Tribunal, e o Tribunal foi feito no Rio, realmente com muito sucesso e tal. Mas então nós ficamos pensando aqui o que nós poderíamos fazer pra chamar atenção, e alguém, que não me lembro quem, disse ‘olha, aqui teve o Circo da Constituinte, nós poderíamos repetir o Circo da Constituinte’. E eu disse ‘bom, quem dirigiu o Circo da Constituinte fui eu, então eu sei como é que faz!’ Aí começou a surgir a ideia, exatamente pra fazer uma coisa grande, de fazer um circo. Agora, daí, quando eu dirigi o Circo da Constituinte,



eu era Secretário de Cultura do Município, e tinha circo, o Município tinha circo, então eu armei o circo da Prefeitura, portanto, com custos bancados pela Prefeitura, sem nenhum tipo de custo a mais. O Sindicato [dos Engenheiros] não poderia fazer isso e nem nós tínhamos circo, onde é que a gente iria arranjar um circo? E aí, na conversa eu disse ‘eu sei, quem tem circo, eu sei, é só perguntar!’ Aí liguei para a Edlamar [Zanchettini] e disse ‘olha Edlamar, a ideia é essa, essa e essa’, contei pra ela a ideia e perguntei se ela não tinha uma lona pra alugar pra gente, porque ela sempre tem outra lona, de um parente que tivesse uma lona meio... e ela me disse ‘não, não, esse projeto o Circo faz!’ Aí eu disse ‘pera aí, então mudou de conversa’. Daí quando eu falei para as pessoas, as pessoas regalaram um olho deste tamanho, né, e eu disse ‘só que é um Circo que vai ter palhaço, vai ter espetáculo... senão não é circo’. Aí deu medo. Aí as pessoas ficaram com medo. Disseram assim ‘não... porque aí vão dizer ... que esse movimento de Golpe é uma palhaçada, vão ligar ao palhaço, então não vamos fazer com o circo, vamos só alugar a lona e vamos chamar de Lona da Democracia’. E eu disse ‘não, eu não faço sem intermediação, pra tirar o Circo da Democracia, não. Ou é Circo da Democracia ou vocês arranjem outro, deve ter alguém que alugue.’ E esse Eduardo Faria, que era o advogado, logo em seguida me apoiou e disse ‘não’ e o grupo dos advogados disse ‘não, é circo mesmo, e é circo de verdade, é circo popular, onde o povo vai!’ E aí convenceu os engenheiros, os engenheiros estavam meio assim, mas era gente muito boa, gente politizada, e quando a gente argumentou e mostrou o que era um circo, que circo não é uma ‘palhaçada’, que circo é arte popular, é a ligação com o povo... Aí eles começaram a lembrar da infância, né, começaram a lembrar e disseram ‘não, mas sabe que tem, é mesmo, minha saudade, saudade do circo e tal’. Bom, então foi assim que surgiu, então quando você pergunta a ideia de lona, você escreveu ali, né, na verdade não é, foi ideia de um circo, até pensaram em virar uma lona, mas não, a lona é o de menos, a lona é só a visibilidade, a ideia era do circo mesmo! Aí a Edlamar, o Sílvio, os irmãos [Zanchettini] vieram lá no Sindicato [dos Engenheiros], a gente conversou, e eu disse ‘olha, tem duas conversas pra serem feitas: uma de programação, de atividades, como é que vai fazer; nessa eu estou! A outra é de custo, custo eu não estou, custo, eu não tenho nada com isso, não sei fazer e não tenho dinheiro. Então custo conversa com o Sindicato [dos Engenheiros]’. E realmente, eles [família

Zanchettini] fizeram uma reunião com o Sindicato [dos Engenheiros], montaram o orçamento, o Sindicato buscou recursos com outros sindicatos, fizeram um pool⁶ de sindicatos, porque isso não é barato, ou seja, é manter, você sabe, é uma família [família Zanchettini] grande, e que está trabalhando, então essa família tem que ser mantida, não tem como, não é, então este custo é alto, e alto pra nós né [risos]. Então os sindicatos montaram um pool financeiro pra bancar o circo e aí era um problema de quantos dias ficaria; o custo variava disso, de quantos dias ficaria... a nossa ideia é que ficasse tempos, mas não tinha dinheiro pra tanto e aí aconteceu, e então aqui eu já estou respondendo a segunda pergunta, por que os Zanchettini.

Eduardo Faria Silva - Na verdade a gente tem um grupo de advogados que se reúne há muito tempo, desde os anos, início dos anos 2000, e, nos momentos de maior tensão, esse grupo se reencontra e começa a fazer as leituras dos cenários que se apresenta no país. E, de 2013 pra frente, até 2016, a gente teve uma série de encontros. Porque a gente inicia em 2013; todas aquelas movimentações de rua no Brasil, todo o período que surge dali, o impulsionamento das redes sociais, então elas, efetivamente elas entram, e esse é um instrumento político importante nesse início ali dos anos de 2010, e a gente vai acompanhando todas as ações que aconteciam no país, ao longo destes anos. E quando em 2016 há todo um procedimento feito no Congresso pra abertura então do impeachment da Dilma, a gente entendeu que havia a necessidade de refletir sobre o que estava acontecendo no país. E a gente sempre teve um esforço, muito grande, de pensar formas de tentar sensibilizar as pessoas pra refletir, e àquele momento, pra nós, a palavra circo tinha vários significados e o circo traz vários significados, então o circo é um lugar sério, mas também é o lugar da palhaçada, então tu consegue ter essa linha, que ela é fluida, pra trazer uma discussão que pra nós era muito importante, e o Marés, o Carlos, ele tinha um histórico com a parte de cultura, foi presidente da Fundação Cultural, conheceu a família Zanchettini há muitos anos, e sugeriu, 'ó, quem sabe a gente não trabalha com a ideia do circo'... E, legal, a gente fez essa discussão toda sobre os recortes do circo como um espaço sério, mas também o circo como espaço do escracho, da palhaçada, e o palhaço como

⁶ Reunião, temporária, de várias entidades, para atuar entorno de um objetivo comum.

sendo um ator muito importante nisso, porque o palhaço tem essa possibilidade de trazer as discussões tensas de maneira alegre, mas também de fazer chorar, se for necessário. E o Marés disse ‘olha, tem a família Zanchettini, eu conhecia, vamos fazer uma ponte, vamos ver se eles tem interesse’ e foi aí que surgiu o contato, e teve todo um período, não é, de convencimento até das outras pessoas, de onde colocar o circo também, porque era um momento muito tenso, o Brasil vive momentos tensos, né, até hoje, mas, especificamente ali, em 2016, era um momento muito tenso e que muitas pessoas, é compreensível, tinham receio de se expor, absolutamente compreensível isso também, e outras não conseguiam, tinham se posicionado já numa linha de que havia necessidade de mudança, que tudo o que tava acontecendo ali era legal, legítimo, e mesmo que não fosse legal nem legítimo, era necessário. Então a gente inicia um processo; bom, e agora? A gente vai botar o circo, aonde que a gente vai colocar o circo? E a gente optou por fazer o Circo [da Democracia] numa região central da Cidade [Curitiba], que é um símbolo da Cidade; a Praça Santos Andrade.



Adaptado do vídeo Circo da Democracia. Curitiba 2010. Acervo: Trópico Audiovisual.

E a ideia era colocar no Centro da Cidade porque era uma discussão central. Então porque que nós íamos colocar o Circo numa região periférica da Cidade? É

possível, obvio, mas era a ideia também da centralidade da discussão, num lugar central e que passa muitas pessoas de todas as classes sociais, então ali [Centro] é um ambiente da Cidade que permite isso pela geografia que existe.

E foi, assim, um momento muito rico que a gente teve, de conexões com vários grupos, tinha uma possibilidade de convergência de grupos diferentes, para além da advocacia, pessoas que estavam preocupadas com o que estava acontecendo no país, então, algumas mais esclarecidas, outras menos, mas a gente conseguiu criar um ambiente importante, uma sinergia. E foi um acerto, naquele período, como um elemento de resistência, acho que a gente tem que enxergar, e o circo também é um ambiente de resistência, né, se a gente for pensar existe a invisibilidade do circo, dos circos, né, no país, e se a gente pensar do ponto de vista histórico, sabe lá Deus quando começou o circo, né, a gente tem o circo como elemento de resistência; eles existem até hoje! Apesar de todas as outras fontes que existem em espaços culturais, eles permanecem, eles existem, as famílias estão ali, então há um elemento forte de resistência.



Adaptado do vídeo Circo da Democracia. Curitiba 2010. Acervo: Trópico Audiovisual.

Aí a gente trabalhou, durante algum tempo, pra estruturar e colocar ele [Circo]

na Cidade. E tem o processo de convencimento dos órgãos públicos, de que era possível, um cuidado ambiental que a gente teve, porque aquele espaço é um espaço que tinha muitas árvores, e ele era um espaço também com patrimônios públicos importantes, então a gente teve o cuidado do posicionamento, da construção das arquibancadas, e aí todo o conhecimento da família Zanchettini foi importante, né, porque eu me recordo, a gente olhava assim, a primeira vez, a gente tava pensando em colocar o Circo... ‘onde vocês estão pensando em colocar o Circo?’ [pergunta endereçada aos organizadores por outrem]. ‘ali, mas a gente não sabe se dá’ [resposta]. Eles bateram o olho: ‘dá’ [resposta da família Zanchettini]. Aí eu disse ‘bom, legal que dá, mas tem árvore, tem monumento, tem planta, tem cadeira, como é que a gente vai fazer isso?’.

E aí a habilidade que se tem de se moldar aos espaços e eles conseguiram visualizar e fazer a inclusão do Circo num lugar super diferenciado, acho que é o primeiro evento, na história de Curitiba, que tem um circo daquele tamanho, uma lona daquele tamanho ali, e, com todos os cuidados que a gente tinha em relação à Cidade, à preservação do bem, da coisa pública, e que evitasse questionamentos que desviasse da questão central que a gente queria levar. Então, foi um processo muito bonito. Tanto que, esse processo, foi um processo que, naquele período, mobilizou a imprensa, não só daqui [Curitiba], mas saiu em vários lugares, ou seja, a gente teve um acerto na estratégia. Era difícil também pra imprensa, eventualmente que tinha um posicionamento contrário, fazer uma crítica, porque, a gente usou o circo, e como ele tem essa palavra dúbia, então eles também não conseguiam fazer uma crítica. ‘Ó lá, vem um circo né, da Democracia’ [se referindo a um início de possível crítica]. Mas a ideia era essa, então a pessoa não conseguia estruturar uma crítica, né, exatamente porque achava que tudo era um circo, um circo com suas várias possibilidades. E aí a gente começou a mobilizar muita gente, pra vir pra cá, dos mais variados segmentos, né, a população que via; queria entrar. De grupos e movimentos sociais organizados, da classe política, da classe acadêmica, então a gente conseguiu; pelo momento, pela estratégia, pelas pessoas que estavam ali, mobilizar uma série de pessoas e fez um evento de resistência muito bonito.

Elizandra e Alice - Por que a escolha pelo Circo Zanchettini?

Carlos Frederico Marés de Souza Filho - Porque a conversa minha era com os Zanchettini. Eu conversei com a Edlamar e na verdade não era, no começo não era para ser um circo, era pra ser uma lona, o aluguel de uma lona, mas quando a proposta foi de circo, melhorou muito a proposta, engradeceu muito, porque, claro, nós tínhamos os espetáculos, eles montaram o Circo com espetáculo dentro, e, obviamente com as portas abertas, não tinha sentido cobrar ingresso porque a gente não queria só espetáculo, era o espetáculo e o debate, nos quais a família [Zanchettini] participava integralmente, não tinha nenhuma limitação, e participava e participava bem, participou muito bem, com muita atividade; o palhaço fazia sempre referência ao Golpe, então, foi uma coisa muito politizada, os espetáculos foram politizados, a organização do Circo [Zanchettini] foi muito ativa, eles não emprestaram o Circo, nem alugaram o espaço, não. Teve uma participação circense efetivamente.



Adaptado do vídeo Circo da Democracia. Curitiba 2010. Acervo: Trópico Audiovisual.

Pois bem, e isso aí tem umas histórias que são muito interessantes: quando



nós fomos ver o espaço, pra ver se o Circo [Zanchettini] cabia, porque o Circo da Constituinte, há 40 anos atrás, 30 e poucos anos atrás, era um Cirquinho pequeno, e aí eu conversei com eles e disse ‘não, a gente botou o Circo [da Constituinte] aqui’. Aí eles olharam pra mim e disseram ‘é, aquele teu Cirquinho cabe fácil, mas o nosso não é pequeno; então vamos ver o espaço’. E fomos ver o espaço. Chegamos à Praça [Santos Andrade], e nós estávamos com o Sindicato dos Engenheiros, não se esqueça, e os engenheiros com as maquininhas nas mãos, fazendo conta se dava, e o pessoal do Circo [Zanchettini] olhou, andaram, deram a volta, conversaram, e disseram; ‘olha, o Circo cabe aqui!’. Os engenheiros caíram na risada. ‘Não. Quanto que é? Tantos metros, por tantos metros, tantas colunas: não cabe’ [fala dos engenheiros se referindo às medidas do Circo]. E eles [família Zanchettini] disseram: ‘cabe’. Os engenheiros diziam que não cabia, que era impossível montar circo ali. [...] Bom, evidentemente que o Circo coube, e, foi montado exatamente onde não cabia [risos]. E com uma precisão, que os engenheiros ficaram com o olho deste tamanho, com uma precisão, que tinha lá uma estátua, e eles [engenheiros] falaram; ‘essa estátua não dá’. Aí eu disse; ‘não, põe a estátua dentro’. A estátua ficou dentro do Circo, arrumaram, não estragaram um arbusto: o Circo ficou perfeitamente enquadrado dentro da Praça [Santos Andrade]. Os engenheiros, a gente que não era engenheiro riamos deles, eles ficaram abismados; ‘não é possível ...’.

Elizandra - São décadas de conhecimento tradicional.

Carlos Frederico Marés de Souza Filho - É claro, olhou o espaço, tem uma árvore aqui, outra ali, eu vou ficar um mastro aqui, outro do outro lado e dá [falando como se fosse a idealização dos circenses ao se deparar com o tamanho e geografia do local]. E os engenheiros faziam as contas nas maquininhas e não dava, não cabia. Pois bem, esse é um episódio muito curioso e daí a discussão era como a gente faria o Circo, mesmo, essa foi uma discussão de conteúdo e aí a gente não abriu mão, a gente disse: ‘circo é circo! Se não tiver palhaço, se não tiver trapézio, pode não ter tudo, porque a gente fez uma programação mais limitada, não era uma programação integral, mas tinham alguns dos espetáculos que a família [Zanchettini] escolhia os números e etc. e a gente fazia os debates. Pra família, a



família trabalhou um pouco menos como artista, durante o período, porque tinham outras atividades dentro do Circo, mas como circenses trabalharam igual: mantinham o Circo vivo!

Eduardo Faria Silva - Então o Carlos, eu chamo de Marés, o Marés, ele conhecia pelo período que ele passou na Fundação Cultural, a família Zanchettini. Então, quando surgiu a ideia, ele falou ‘olha, eu conheço, é uma família, e vou entrar em contato pra ver se eles têm o interesse’. E, pelos vínculos que eles tinham construído no passado, a família aceitou. Então foi o conhecimento do Marés e os vínculos pessoais que permitiram que a gente conseguisse botar a lona ali no Centro.

Elizandra e Alice - Como foi apresentar, no centro do mesmo picadeiro, movimentos culturais, sindicais, estudantis, indígenas e do campo, protagonizando arte e resistência?

Carlos Frederico Marés de Souza Filho - E os debates foram sucesso absoluto. O Circo vivia cheio, por quê? Porque a gente abriu a programação, então os jovens queriam debater, vinham pro Circo, debater do que fosse. Mulheres, jovens, movimento negro, movimento indígena, e aí imagine, você sabe o que é uma lona de circo num lugar; não tem que passe e não veja, é impossível você não ver e não querer saber o que é isso no meio de uma Praça [Santos Andrade], em frente à Universidade [PUC/PR].

Bem, há um detalhe que talvez te interesse, Eliz, que foi a dificuldade que a gente teve na liberação da Prefeitura. A Prefeitura não queria dar [a liberação para a instalação do Circo]. Mas na época o prefeito era um prefeito do PDT [Partido Democrático Trabalhista] chamado Gustavo Fruet, que é filho do Maurício Fruet, que talvez você lembre de memória, que foi prefeito também.

Este está repetido abaixo.



Adaptado do vídeo Circo da Democracia. Curitiba 2010. Acervo: Trópico Audiovisual.

Bem, há um detalhe que talvez te interesse, Eliz, que foi a dificuldade que a gente teve na liberação da Prefeitura. A Prefeitura não queria dar [a liberação para a instalação do Circo]. Mas na época o prefeito era um prefeito do PDT [Partido Democrático Trabalhista] chamado Gustavo Fruet, que é filho do Maurício Fruet, que talvez você lembre de memória, que foi prefeito também.

Elizandra: Meus pais ainda moram no Paraná então eu ainda acompanho a vida política daí.

Carlos Frederico Marés de Souza Filho - Então esses nomes claro que conheces, então era o Gustavo Fruet, daí eu fui junto com o Sindicato dos Engenheiros conversar com o Fruet, eu sou muito amigo dele, e o chefe de gabinete dele era o Ricard McDonald, que também era uma pessoa muito politizada, muito integrada e etc., e eu disse ‘olha, é para politizar, nós não queremos licença para fazer festa, é um Circo político!’ E aí a gente conseguiu convencer o Gustavo, mas com muita resistência de vereadores, de secretários, muita resistência, resistências técnicas: ‘não, não pode montar porque vai estragar

as árvores; não, não pode montar porque vai quebrar o busto do Barão não sei das quantas...' [imitando as argumentações contrárias a instalação do Circo da Democracia]. Não, nós não vamos quebrar árvore, nós não vamos quebrar nada. E foi, e a gente conseguiu. E foi um debate político a autorização para montar o Circo, que não é uma coisa fácil, não é? Claro que aí tinha a COPEL [Companhia Paranaense de Energia Elétrica], a SANEPAR [Companhia de Saneamento do Paraná], tudo isso tinha que montar também, mas com a experiência da família [Zanchettini] eles iam dizendo; 'tem que pôr um ponto aqui'. A gente ia lá e reforçava para que viesse o ponto ali. Então tudo isso a gente acabou conseguindo por uma força política mesmo, por uma determinação política muito forte. Então, é, a organização, você pergunta, como foi o picadeiro entre o palhaço; as vezes o palhaço apresentava, e apresentava como palhaço, isso ficava divertido: as pessoas se divertiam e discutiam sério. Então os grandes debates, aconteceram grandes debates, e que os palhaços participavam do debate, seriamente também. Vestidos de palhaço ou não porque a família [Zanchettini] estava ali participando. Inclusive quando você for falar, não sei se será você ou a Alice, quem vai falar com a Edlamar, a Erimeide, o Sílvio, o pessoal, uma das emoções que eles tiveram, isso eles me disseram, foi quando a Dilma foi ao Circo, então o Circo Zanchettini levou a presidenta da república dentro do Circo, entrando no Circo e falando no Circo, para uma plateia que não coube no Circo, não coube, literalmente não cabia, encheu o Circo inteirinho e foi gente pra fora: era um momento de mobilização contra o Golpe e a Dilma compareceu, isso pra nós foi o maior sucesso: a presença da Dilma! Com a presença da Dilma o Circo [da Democracia] ficou famoso, se tornou um ponto de referência. A direita, você não deve esquecer que Curitiba foi a capital da Lava jato, a direita resolveu fazer um [circo] também. E montou uma lona na Praça Osório. Só que a lona da direita, era uma lona de praia, era uma cabaninha de praia, um troço pequenininho, e puseram lá, eu não me lembro o nome que puseram, porque o nosso era Circo da Democracia, ah, Circo da Liberdade, eu acho, Circo da Liberdade, mas não era circo, montaram e 3 (três) dias depois desmontaram porque viram que era desmoralizante aquilo, né. E o Circo da Democracia teve essa repercussão toda. [...].

A organização do Circo era do Eduardo Faria, mas tinha uma Comissão para



dizer porque num primeiro momento houve uma certa desconfiança, exatamente por ser circo, muita agente criticando, ‘bota palhaço para falar de democracia e coisas desse tipo, não é? Mas isso não durou dois dias, porque logo em seguida, a repercussão disso... os movimentos todos queriam participar e queriam um espaço dentro do Circo, então o Circo era cheio permanentemente, não tinha hora que estivesse mais ou menos e era intercalado; a programação circense era exclusivamente feita pela família [Zanchettini], e eles com muita sensibilidade sabiam a hora de fazer e o que fazer, isso foi uma coisa muito integrada, colocando as bicicletas, os malabares e aproveitando essas coisas.

No dia da Dilma, não teve espetáculo, né, no dia da Dilma o espetáculo era a Dilma, então a família [Zanchettini] estava, se formou um palco, com família, com ministros, com governadores e autoridades e a família circense, então a família estava lá representada, a Dilma foi, foi pela casa deles, cumprimentou, agradeceu, então foi uma coisa muito emocionante de todo ponto de vista pra eles. E imagino que para a Dilma também, que a Dilma estava levando porradas de todo que é lado, chega lá e encontra uma família, uma casa de acolhida e uma multidão, realmente uma multidão, o dia da Dilma foi o dia de maior público que nós tivemos e era o público muito além da capacidade do Circo então teve que levantar a saia [se referindo a lona] para as pessoas ficarem fora, [...]. Tínhamos que fazer a resistência! Hoje a gente vê a importância da resistência daquele momento, acho que é isso aí, a gente apanhou muito, mas, a resistência vale. E eu acho que a Dilma saiu dali muito feliz! Ela sabia que ia ser caçada, que não tinha chance, mas ali ela saiu feliz, porque ela saiu e foi um momento muito mágico, e, diga-se de passagem, né Eliz, uma lona de circo é uma lona de circo, é outra conversa, não é um teatro, não é uma praça pública; é uma lona de circo! E ela tem todo um simbolismo popular e uma chamada de mística, da mágica, da mística do circo que é diferente. E o Circo é muito bonito, o Circo Zanchettini é muito bonito, além disso, não é um cirquinho mambembe, é um baita de um circo; bonito, bem arrumado... E, no portal, estava Circo da Democracia, eles [família Zanchettini] concordaram em não colocar o nome do circo. No portal eles escreveram, fizeram, isso os engenheiros também ficaram bem louco, porque era do dia pra noite, o pessoal dos engenheiros foram lá e disseram ‘não, mas acho que se montar, fazer diferente, aqui de outra forma, se que não daria pra fazer umas coisas diferente?’



‘Ah, dá!’ [interpretando a resposta da família Zanchettini]. E no dia seguinte tava montado diferente! Com aquela rapidez que o circo é, né? O circo é isso, do dia pra noite: não tem nada no chão e der repente tem um castelo, é isso aí. Eu até disse pro nosso pessoal e para os engenheiros, disse; ‘olhe, o que mais vale a pena é ver o circo subir! Vamos lá ver o circo subir’ [...] porque a subida da lona é uma coisa extremamente mágica. Tem uma praça vazia e daí começa ‘tchappppp...’ [em alusão ao som da lona subindo] e fica um castelo, fica um edifício enorme, não é, no ato, no momento. Essa mágica nós chamamos a população também pra ver, foi chamado; venham ver o Circo da Democracia crescer! A democracia subindo, a democracia se instalando e tal [...] e tinha bastante gente vendo, realmente só isso já é mágico. Infelizmente o Circo não ficou tanto tempo como a gente queria, né, porque a gente queria que ele se perpetuasse, mas a gente não tinha meios de perpetuação, não tinha. Porque o custo é alto e também os sindicatos não tinham muita condição.

Eduardo Faria Silva - Eu vejo assim, que foi algo muito importante aqui, porque a gente conseguiu criar um espaço pra canalizar as energias todas que existiam. Então quando existem insatisfações e ações, muitas vezes dispersas, o grande ponto é conseguir canalizar essas forças pra um único espaço, pra um único ambiente, e a gente conseguiu, sensibilizando essas várias expressões, políticas, pra que elas fossem participando e entendendo que ali [no Circo da Democracia] sim, a gente conseguiria um espaço, que a gente mostraria uma pluralidade, uma diversidade, que o nosso país tem, um espaço de voz pra todos, num único ambiente. E a arte tem essa capacidade de fazer a transgressão, então a política, ela precisa cada vez mais se aproximar da arte, porque a arte é o espaço da transgressão, é o espaço da ruptura, do apresentar o novo, ou apresentar o status, algo que existe, mas que ainda não tá claro, e mostrar o que nós vivemos ou vamos viver, né, a arte ela consegue traduzir um presente e um futuro e isso foi importante, toda essa aproximação com o Circo e os artistas da Cidade. Porque a gente conseguia isso, algo que sempre gostei, mesmo com todas as atividades que foram feitas anos antes, com relação ao circo, de misturar... o acadêmico, com o espaço cultural... e a gente pensar, romper com padrões de comunicação que acabam sendo..., que foi o início de nossa conversa, né, formais, né, então a gente

tem que ter outras formas de conseguir se comunicar com as pessoas; e isso é um grande desafio. E, mescla isso, mescla aqueles debates tensos que tinha dentro do evento, com apresentações artísticas, trazia a tensão do momento e a leveza ... e talvez, muitas pessoas, pelas apresentações culturais, conseguiam fixar a mensagem de maneira muito mais claras do que com as falas, né, é preciso aproximar a fala do público, e, o circo consegue; os artistas conseguem fazer isso. As vezes a academia tem um distanciamento, o universo político tem um distanciamento, e, fazendo as mediações necessárias se consegue fazer essa comunicação. Então, essa combinação foi muito rica, foi muito legal!

Elizandra e Alice: Qual foi a reação da “plateia” diante de tantos “atores sociais”, apresentações artísticas e discussões, tão pertinentes àquele momento histórico de luta e resistência?

Carlos Frederico Marés de Souza Filho - eu acho que, é claro, tem a reação dos contrários, da direita, que realmente ficou perturbada com isso, porque achava que era uma coisa: criticou o Prefeito por ter autorizado e etc., mas a crítica por aí. Agora quem participou do Circo amava o Circo, e quem não amava, passou a amar! Então, houve uma interação muito grande entre o público e os espetáculos circenses [...] porque o circo é o circo, né, os atores sabem como fazer a coisa, né, eles são profissionais, então sempre que a família [Zanchettini] ia pro palco, interagia com o movimento que estava ali, então chamava gente pra cantar, chamava gente pra fazer a pirueta [...] e as pessoas iam pro palco e faziam uma pirueta, faziam cambalhota, cantavam e queriam fazer malabares e derrubavam, evidentemente não conseguiam fazer, não é, e andavam, queriam andar na bicicleta e não conseguiam e assim por diante. Então, tudo isso fazia parte dessa coisa lúdica, então, a gente tinha toda uma organização de protesto muito bem feita, com alguns movimentos que alinharam propostas de trabalho, saiu produtos acadêmicos dali; essas coisas todas, mas tudo num ambiente lúdico; no que é o circo! Foi muito mais nesse sentido do que o Circo da Constituinte, porque o Circo da Constituinte não tinha essa parte lúdica, porque não tinha uma família circense atuando, até as vezes a gente levava um palhaço, uns malabares, umas coisas no Circo da Constituinte, mas era só, hummm [grunhido] não era o central, então o Circo da Constituinte era muito mais sisudo do que o Circo da Democracia, o Circo

da Democracia foi realmente um circo! E graças a família Zanchettini, obviamente, e graças à proposta política deles, né, isso tem que deixar claro, não é [...] eles não fizeram isso por simples profissionalismo de vender espetáculo, absolutamente. Ao contrário, acho que se eles não tivessem a proposta política não aceitariam fazer, não é, não sei se economicamente foi bom ou ruim, isso eu não tenho a menor ideia, mas enfim, eles fizeram, e fizeram com grande risco também, risco político, porque o momento não era pra gente se arriscar politicamente, se não tivesse convicção, não é, porque era mais ou menos certo que a direita vinha com tudo, né, [...] e veio, e veio pior do que a gente imaginava.

Eduardo Faria Silva - Eu acredito assim, que primeiro: qual foi o olhar da Dilma e daqueles que entravam no Circo? Então, eu lembro bem que ela entrou, e a lona, ela tem estrelas, essa lona da família [Zanchettini], a que estava usando a época, não sei a atual... mas ela olhou e 'nossa, aqui é um circo, né, olha as estrelas!'. Foi, e isso foi muito... [pausa para reviver a emoção trazida pela lembrança] ...



Adaptado do vídeo Circo da Democracia: Nosso espetáculo. Curitiba 2010.
Acervo: Trópico Audiovisual.

Acho que foi muito simbólico, né, foi muito importante, porque, por vários motivos, né, primeiro por aquilo que a gente pensou da ideia de circo; sensibilizo aqueles que foram falar. Também, mostrava, no caso, a importância do circo [...] e conseguiu assim, sensibiliza muito aqueles que falavam e isso foi algo, foi algo muito forte naquele período ali. E o público, na verdade, ele não era um espectador, havia um processo de conexão, de troca, de interação entre o público e aquele que falava porque também o público tinha suas manifestações e aqueles que falavam se sensibilizavam, então foi um momento assim; um momento muito bonito, naquele dia especial que a Dilma foi ali no Circo. A gente tinha todo um, ela era presidenta à época, a gente tinha toda uma questão de aparato de segurança, a gente tinha que tá atento, ali, pra cuidar, e a gente teve toda sensibilidade pra atender essas questões, mas não criar uma separação, né, então, literalmente, embaixo da lona era um ambiente que todos ali estavam em sintonia, né, e marcou muito, marcou muito o público que foi participar, foi um momento muito bonito!



Adaptado do vídeo Circo da Democracia. Curitiba 2010.
Acervo: Trópico Audiovisual.



Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. *Claro enigma*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CIRCO da democracia. *Circo unifica movimento em defesa da democracia, em Curitiba*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/15/circo-unifica-movimento-em-defesa-da-democracia-em-curitiba/> Acesso em: 26 jan. 2023.

COGGIOLA, Osvaldo. *Impeachment, crise e golpe*: o Brasil no palco da tormenta mundial. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/31/impeachment-crise-e-golpe-o-brasil-no-palco-da-tormenta-mundial/> Acesso em: 26 jan. 2023.

JARDIM, Afrânio Silva. O significado técnico da expressão “julgamento jurídico e político do impeachment” do Presidente da República. In: *A resistência ao golpe de 2016*. PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson (org.). — Bauru: Canal 6, 2016.

Recebido em: 30/01/2023

Aprovado em: 25/03/2023